



GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita – Trabalho 631

ALFABETIZAÇÃO EMANCIPADORA COM CRIANÇAS: “ARTESANAR” LEITURAS DA *PALAVRAMUNDO*

Franciane Sousa Ladeira Aires – UFSJ

Agência Financiadora: PIPG-UFSJ

Resumo

O presente artigo, fruto de uma pesquisa de mestrado, dedica-se a compreender como as palavras geradoras contribuem para o processo de ler palavras e ler mundos, e que implicações trazem aos processos de desenvolvimento da criatividade, criticidade e da leitura da *palavramundo* por crianças, a partir de uma proposta de Alfabetização Emancipadora mediada pelo Artesanato. É fundamentado pelo referencial teórico-metodológico da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin e da pedagogia crítica de Paulo Freire, trazendo sentidos sobre Alfabetização Emancipadora. A composição metodológica pautou-se pela proposição colaborativa, entre a pesquisadora e a professora regente da turma pesquisada, de oficinas de Artesanato e Alfabetização, denominadas Círculos de “Artesanar”. As palavras geradoras e geradas destacaram a inteireza constituinte das crianças, perpetuando suas *contrapalavras*, suas responsabilidades, frente ao uso da linguagem, à curiosidade e à colaboração, instigando-as a serem gente e agente, em suas singularidades e coletividades.

Palavras-chave: Alfabetização Emancipadora. Palavras geradoras. Círculos de “Artesanar”.

Para começar o “artesanar”

*O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma
chuva nela. O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.*

Manoel de Barros

Aprender a “usar as palavras” em suas “peraltagens” ou brincar com as palavras é um movimento para a leitura da *palavramundo* de forma bem ímpar. Cada um cria sua própria realidade, a interpreta ou a transforma, colorindo emocionalmente, colocando “chuva” para “modificar a tarde”, fazendo nascer uma “flor” de “uma pedra”. Não é aceitar o que está posto, é um acontecimento de renovação, de libertação. É um *quefazer*

esteticamente responsável. É arena e ponte para a linguagem, para ler e escrever de forma Emancipadora. É ato de inscrever no mundo. É ser prodigioso ao modo do poeta que faz “peraltagens” ético-estéticas com a linguagem, para acarretar efeitos inexplicáveis a quem lê. São “peraltagens” gerativo-geradoras de sentidos, de palavras e de mundo. É “artesanar” leituras da *palavramundo*.

Mas o que é este “artesanar”? É um neologismo criado por mim com a pretensão de descortinar um verbo referente ao fazer, ao produzir Artesanatos, mas que vai além e envolve o ser e a vida.

Nessa perspectiva, a proposta deste artigo - fruto de uma pesquisa de mestrado a qual buscou compreender quais sentidos as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental da escola pública municipal da comunidade do Bichinho, da cidade de Prados-MG, construíram para a leitura da *palavramundo* a partir de uma proposta de Alfabetização Emancipadora mediada pelo Artesanato como *quefazer* em Cultura Popular - é compreender como as palavras geradoras, colhidas do universo vocabular das crianças, contribuem para o processo de Alfabetização e que implicações trazem aos processos de desenvolvimento da criatividade, criticidade e da leitura da *palavramundo*.

Assumo o referencial teórico-metodológico da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin e da pedagogia crítica de Paulo Freire para que se possa ser construída uma leitura da *palavramundo*, de aspecto teórico e prático. Para Bakhtin (2011), homem e linguagem têm existência histórica e social e fazem parte de um mesmo processo, um integrado ao outro, ou seja, através da palavra, o homem interage com o outro e com o mundo, dialogicamente. Para Freire (2014), a Educação, para ser libertadora, crítica, radical e emancipadora, deve manter um constante diálogo cultural com a realidade, com o local, para depois se expandir e descortinar o global. Assim também devemos conceber a criança com sua linguagem em diálogo com sua Cultura para que possa expressar seus sentidos e suas produções.

Dessa forma, destaco através das contribuições de Bakhtin e Freire, sentidos envolvendo a Alfabetização Emancipadora com crianças. Em seguida, apresento as oficinas de Artesanato e Alfabetização, denominadas Círculos de “Artesanar”. Apresento, ainda, a análise de algumas situações, da terceira etapa de tais Círculos, que envolvem o processo das leituras da palavra e do mundo pelas crianças.

1. Ler a palavra e ler o mundo - Alfabetização Emancipadora

Ler a palavra: aprender letras, sílabas e palavras. Esse é o fundamento da produção da linguagem escrita, da alfabetização. Bakhtin e Freire nos proporcionam um modo de a língua existir em que os fundamentos dos signos linguísticos não sejam tratados em esfera puramente mecânica. Não é apenas a descoberta da palavra escrita, mas a palavra da própria realidade. Por isso não basta apenas saber ler os signos que formam a língua. É preciso ler a palavra a partir de fonemas concretos e responsáveis numa atitude de criação e recriação, que unem sílabas, vidas e histórias. Ler a palavra: aprender letras, sílabas, palavras, sentir e compreender o que estas dizem.

Ler o mundo: aprender com a presença na vida, com a própria experiência existencial e nas relações com os outros. Esse fundamento, tão caro a Paulo Freire, nos permite ler a dinamicidade das coisas, dos objetos, dos sinais, enfim, da realidade. Não é apenas conhecer o entorno, o regional e o global. É preciso ler o mundo, em diálogo, de modo que possa interpretá-lo criticamente. Isso é um dos aspectos centrais no processo de Alfabetização freiriana. Ler o mundo: aprender com a presença na vida, com a própria experiência existencial, nas relações com os outros, e indagar, refletir, com engajamento na luta pela transformação do mundo.

Desse modo, a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Mas o ato de ler palavras implica o resgate e a recriação da experiência vivida, ou seja, a contínua (re)leitura do mundo. Palavra e mundo lidos de forma emancipadora: *palavramundo*. Daí que ler, escrever e dizer a palavra e o mundo são atos rigorosos do processo de produção da linguagem. Por serem rigorosos não significa que não haja liberdade, criação, autenticidade, alegria e amorosidade. Ler, escrever e dizer a *palavramundo* fazem parte da vocação para o “ser mais”.

Por isso, com Bakhtin e Freire penso em outra Linguagem e em outra Alfabetização, em que a palavra e o mundo são lidos não só através de domínio abstrato de técnicas (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1992), mas em termos conscientes interligados à inteireza, à amorosidade, à alegria, à imaginação e à autonomia. Outra Linguagem e outra Alfabetização que proporcionam leituras de palavras e leituras de mundo mediatizadas por uma prática libertadora de educação (FREIRE, 1987).

Dessa forma, penso em uma Alfabetização como ação dinâmica, crítica, reflexiva, responsável, alteritária para a liberdade em luta e diálogo, para o outro, com o

outro, que descortina a transformação no mundo e com o mundo. É uma Alfabetização que age com interatividade, com ação e reflexão em nosso inacabamento, ou seja, que nos permite sermos o que devemos ser: humanos.

É com estes conceitos que defendo uma Alfabetização Emancipadora que seja práxis do “artesanar” sentidos, do “artesanar” leituras da *palavramundo*. Em outras palavras, uma proposta de Alfabetização que seja ação e reflexão sobre e com a realidade dos educandos, das crianças.

Minha leitura da *palavramundo* sobre Alfabetização Emancipadora com crianças a compreende como um processo dinâmico, interativo e prazeroso, uma atividade responsável em vincular vida à aprendizagem ao entretecer relações de alteridade, abertura ao diálogo, ao falar ao ouvir, que permite a agência no mundo, a criação de Cultura, que instigue a curiosidade, a pluralidade de sentidos, o compartilhamento de ideias, e a alegria de ler o mundo. Uma atividade polissêmica que permite as crianças falarem de si, de seus lugares, sendo instigadas a refletir sobre quem estão sendo, sobre o lugar em que vivem, exigindo o respeito de seus posicionamentos, de suas inventividades, de suas singularidades e de suas pluralidades.

A Alfabetização Emancipadora é uma ação concreta que une texto e contexto, mundo e palavra. Exige um *quefazer* responsável dos educadores no sentido de permitir que as crianças criem e (re)inventem, sentidos ao (re)ler o mundo e a palavra. Assim, uma Alfabetização Emancipadora tem o direito de garantir que as crianças usem e abusem de sua linguagem, suas palavras, deixando sua marca.

Por isso, a Alfabetização Emancipadora exige uma pedagogia do “aqui” e não uma pedagogia do “lá”. Todavia, não representa um ofuscamento do “lá”, pelo contrário, representa um descortinamento do “aqui” para agir e refletir, auxiliado de uma compreensão ativa (BAKHTIN, 2011), ao partir de seu entorno, e, expandir sobre o seu mundo e o mundo dos outros. Em outras palavras, a Alfabetização Emancipadora permite o conhecimento, o questionamento, a criação sobre a realidade local, a qual vai instigando o mesmo processo como se fossem camadas que sendo conhecidas, refletidas, ressignificadas descamem a realidade global.

Nesse sentido, a Alfabetização Emancipadora nos permite sermos sujeitos (educadores e educandos) utópicos (FREIRE, 2001) na grande temporalidade (BAKHTIN, 2011), geradores de palavras e seus múltiplos sentidos. Palavras

“artesanadas” pelas (re)leituras do mundo, com vivacidade, criatividade, curiosidade, criticidade e responsividade.

2. Os Círculos de “Artesanar”

O Artesanato, expressão potente da identidade cultural da comunidade do Bichinho, pertencente à cidade de Prados-MG, foi destacado como contextura para uma prática educativa emancipadora. Por isso, buscando fundamentos na metodologia freiriana (FREIRE, 2014), não deixando de reinventá-la, realizei, no primeiro semestre de 2016, um trabalho de Alfabetização Emancipadora, mediado pelo Artesanato, com quinze crianças¹ do 1º ano do Ensino Fundamental da escola pública da comunidade em questão. Conteí ainda com a participação de alguns artesãos da referida comunidade e com uma co-pesquisadora². Em colaboração com a professora Gabriela³, regente da turma pesquisada, promovemos oficinas de Artesanato e Alfabetização, denominadas por mim por Círculos de “Artesanar”, o principal instrumento metodológico desta pesquisa. Para expandir os sentidos foram realizadas entrevistas dialógicas com as crianças e com a professora, e uma exposição dos Artesanatos infantis. Como registro, utilizei a gravação em áudio e em vídeo, fotografias e notas de campo.

Os Círculos de “Artesanar” se constituem por atividades dialógicas e práticas de Alfabetização as quais buscam valorizar a Cultura Popular da comunidade, a identidade das crianças, suas criações e suas leituras da *palavramundo*. A proposta dos Círculos visou o reconhecimento da palavra, de suas unidades silábicas, a construção de novas palavras através de uma reflexão pautada por temas geradores que partiam do local, para chegar ao global, com o intuito de que as crianças se percebam como sujeitos que estão sendo e, deste modo, pudessem expressar suas culturas e suas leituras de mundo.

Para envolver o Projeto Identidade, contemplado no currículo da turma pesquisada, e valorizar o ser criança o trabalho foi desenvolvido a partir de cinco temas

¹ Todas as crianças da turma do 1º ano da escola campo aceitaram participar da pesquisa. Todos os pais autorizaram a participação dos filhos na pesquisa e consentiram o uso do nome verdadeiro das crianças, assinando termos para tal.

² A co-pesquisadora foi membro do mesmo grupo de pesquisas que a pesquisadora participa. Nesta pesquisa auxiliou nas filmagens e escreveu notas de campo.

³ A professora manifestou o desejo em manter seu nome verdadeiro na pesquisa.

geradores – “Quem estou sendo?”, “Ser do Bichinho”, “Ser Mineiro”, “Ser Brasileiro” e “O que vou ser quando crescer?”.

Para o diálogo de cada tema gerador, os Círculos de “Artesanar” foram compostos por três etapas, que aconteciam em dias distintos: 1) a primeira etapa era destinada à apresentação do tema. As crianças eram instigadas a dialogar sobre o que sabiam e pensavam sobre determinado tema; 2) a segunda etapa era o momento da produção de Artesanatos. Geralmente, um artesão da comunidade era convidado a colaborar apresentando seu trabalho e interagindo com as crianças, as quais eram estimuladas a expressar seus sentidos sobre o tema gerador, produzindo artesanatos; e 3) a terceira etapa era a proposta de Alfabetização. Após o desenvolvimento das duas primeiras etapas, selecionava-se as palavras que surgiram nos diálogos anteriores, por serem as que as crianças mais falaram e se identificaram, com o intuito de preparar o material para trabalhar com as mesmas. Na escola, apresentava-se, através de slides, as palavras geradoras selecionadas, as crianças as identificavam e liam suas famílias silábicas. Posteriormente, as crianças recebiam fichas silábicas das palavras geradoras e eram incentivadas a formar outras palavras e a apresentarem para a turma. Em cada tema gerador, o trabalho de formar palavras desenvolveu-se através de uma dinâmica diferente.

Reconhecendo as crianças como crianças os Círculos de “Artesanar” se propuseram permitir que as mesmas se reconhecessem como sujeitos ao instigá-las a produzir seus sentidos, com imaginação e ludicidade, sobre seus conhecimentos, produções, e palavras.

3. “Artesanando” a *palavramundo*

Aqui, apresento algumas situações que mostram como foi a interação das crianças, na terceira etapa dos Círculos de “Artesanar”, com as palavras geradoras dispostas em fichas silábicas. Como também a contribuição que o trabalho com essas palavras geradoras descortinou para o processo de Alfabetização com crianças, permitindo a (re)leitura do mundo de forma não maquinizada, mas libertária, autêntica e humana, em prol da construção de sentidos para o “artesanar” da leitura da *palavramundo*.

Houve práxis interativa para que as crianças aprendessem a fazer peraltagens “artesanadas” não só com as palavras. Por isso, mais que se preocupar em analisar o domínio mecânico e abstrato das técnicas da leitura e da escrita ou quantificar as crianças em níveis de alfabetização, minha preocupação se pautou pela possibilidade das crianças (re)conhecerem-se criativa e criticamente para que pudessem descobrir o processo das “combinações fonêmicas” (FREIRE, 2014, p. 155).

Lembra-nos Freire (2011) que a Alfabetização, em uma perspectiva libertadora, jamais deve enfatizar a memorização mecânica e deixar escapar a atividade produtiva, a Cultura e a conquista da palavra. Desse modo, o autor critica o alfabetizador que

deposita sua palavra nos alfabetizandos, como se seu corpo consciente fosse um depósito vazio a ser enchido por aquela palavra. Quefazer mecânico e memorizador, no qual os alfabetizandos são levados a repetir, de olhos fechados, vezes inúmeras, sincronizadamente: la, le, li, lo, lu; ba, be, bi, bo, bu; ta, te, ti, to, tu, ladainha monótona que implica sobretudo uma falsa concepção do ato de conhecer. “Repete, repete, que tu aprendes” é um dos princípios desta falsa concepção do ato de conhecer (FREIRE, 2011, p. 140).

Contudo, como já dito, a Alfabetização é um processo rigoroso. É preciso estar em contato com letras, sílabas e palavras. Mas esse contato não significa uma atividade baseada na “decoreba” e memorização de sílabas e palavras descontextualizadas.

Ao interagir com os signos linguísticos, o essencial é o (re)conhecimento do processo que gera palavras de conteúdo existencial para germinar sentidos. Nessa perspectiva, foram trabalhadas, no total, trinta e nove palavras geradoras: artesanato, ator dramático, bandeira, Bichinho, bicicleta, boneca, Brasil, brinquedo, cachoeira, cantora, chocolate, crescer, dentista, escola, escultor, escultura, eu, golfinho, hino, igreja, jogadora de vôlei, madeira, maquiadora, médica, mineiro, montanha, motoqueiro, ouro, papel machê, pescador, picolé, pintar, policial, professora, queijo ralado, seis, soltador de pipa, tinta e zumbi. Palavras estas relacionadas aos gestos, aos gostos, desejos e preferências, à sua textura familiar, educacional e social das crianças.

As palavras geradoras, segundo Freire (*apud* TORRES, 2014, p. 146), nas línguas silábicas como o nosso português, por exemplo, são aquelas que, sendo decompostas em seus elementos silábicos, possibilitam a criação de novas palavras, a partir da combinação de seus elementos silábicos, das famílias silábicas.

A importância do trabalho com as palavras geradoras, nos Círculos de “Artesanar”, foi sentido tanto pela professora Gabriela quanto pela co-pesquisadora:

Professora Gabriela⁴: [...] a palavra geradora que a gente viu, do Artesanato, tanto de palavra... por exemplo, ARTESANATO, eu vi que o AR de Artesanato, de tanto falar Artesanato, eu não precisei trabalhar AR, a família do AR, entendeu? O S também que é o do ARTESANATO com som de Z, veio lá do Artesanato, porque a todo o momento eles estavam em... como que fala? Em contato com a palavra geradora. Então, essas palavras geradoras ajudaram...(Entrevista com a professora Gabriela).

As atividades das palavras geradoras foram bem produtivas. Os alunos ficavam encantados por descobrir e formar novas palavras. O esforço de dinamizar e conhecer as famílias silábicas das letras, fez com que conhecessem outras palavras que complementavam o vocabulário e acrescentavam muito ao processo de formação da leitura do mundo e da palavra (Notas de campo da co-pesquisadora).

Nessa direção, o contato com a palavra, pertencente ao universo vocabular das crianças, e suas respectivas famílias silábicas dinamizaram a formação de novas palavras e suas leituras de mundo.

Micael mostrou-se muito satisfeito, ao ver projetada a palavra geradora “bicicleta”, durante os acontecimentos do primeiro tema gerador “Quem estou sendo?”. O menino não só disse essa palavra, como também levou o objeto para a escola para representar quem ele estava sendo. Depois que as palavras geradoras foram apresentadas, as crianças, organizadas em grupos, receberam algumas destas. A dinâmica envolvia desvirar as fichas para reconhecer as famílias silábicas de cada palavra. Como o grupo era composto por cinco crianças, elas deveriam compartilhar as fichas entre si para formar novas palavras. O grupo, ao qual pertencia Micael, recebeu fichas com as seguintes palavras geradoras: “pintar”, “eu” e “bicicleta”. Por isso, quando Micael reconheceu que entre as palavras que havia recebido estava a palavra “bicicleta”, prontamente transferiu todas as fichas dessa palavra para sua mesa.

Figura 63 - Palavra geradora “bicicleta” com as unidades silábicas

Figura 64 - Micael manipulando as fichas silábicas da palavra geradora “bicicleta”

⁴ Os recortes transcritos da professora Gabriela e das crianças serão apresentados em itálicos.



Micael pronunciou a palavra “bicicleta”, por isso desejava que esta pertencesse somente a ele. Afinal, a palavra era ou não era dele?

Em um determinado momento, o locutor é incontestavelmente o único dono da palavra, que é então sua propriedade inalienável. É o instante do ato fisiológico de materialização da palavra. Mas a categoria da propriedade não é aplicável a esse ato, na medida em que ele é puramente fisiológico. Se, ao contrário, considerarmos, não o ato físico de materialização do som, mas a materialização da palavra como signo, então a questão da propriedade tornar-se-á bem mais complexa. Deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1992, p. 113).

A palavra “bicicleta” pertencia ao enunciado de Micael, pois é um signo que compõe o seu ser, mas deveria ser socializada com as demais crianças de seu grupo para ganhar novos sentidos e germinar *contrapalavras*. Segundo Bakhtin, palavras e *contrapalavras* estão estritamente associadas à interação e, desse modo, a palavra se torna alheia mesmo que não tenha sido incorporada pelo discurso do outro (GEGE, 2009).

Contudo, nesse movimento de apossar-se da palavra, o menino se envolveu no exercício de formar outras a partir das unidades silábicas que compõem a palavra “bicicleta”. Seu corpo consciente, em inteireza, contribuía para tal. Ajoelhado sobre a cadeira, o menino se comprometia a fazer combinações entre as fichas para formar novas palavras. As mãos de Micael se fizeram responsáveis e ativas, em ação e reflexão, para ofertar concretude àquelas fichas. Assim, da palavra “bicicleta” germinaram duas outras palavras: “batata” e “bico”.

Figura 65 - Micael fazendo combinações com as fichas silábicas



Figura 66 – Palavras formadas por Micael



Fonte: arquivos da pesquisadora

Para que sentidos as palavras formadas por Micael apontam? Micael pensou essas palavras antes de tentar as combinações com as fichas? A primeira palavra que o menino conseguiu formar foi lida por ele com admiração: “Aqui, batata!”. A entonação da frase enunciada pelo menino nos leva a perceber a importância da palavra formada para ele, sem auxílio meu, nem da professora Gabriela ou de algum colega. Fato este importante para sua autonomia infantil. Quanto à palavra “bico”, precisei intervir na estrutura desta. Micael combinou as sílabas trocando a ordem das mesmas. Ao finalizar essa combinação leu para mim: “Bi-co”. Então, percebi que as sílabas estavam dispostas em lugares contrários, assim pedi a Micael para ler novamente com mais atenção: “Co-bi”, disse ele. Nesse caso, a palavra “cobi” seria, na expressão freiriana, uma “palavra-morta”, pois não se referia a um termo (FREIRE, 2014). Assim que questionei o que seria “cobi”, ele trocou as sílabas de lugar para efetivamente gerar a palavra “bico”.

Antônio se aventurou por caminhos diferentes. Antes de tentar qualquer combinação com as fichas silábicas distribuídas em seu grupo, ele já sabia que palavra iria formar. Essa sua postura lhe confere autenticidade.

Antônio: Preciso de dois “E”.

Professora Gabriela: Para que você precisa de dois “E”?

Antônio: Para eu formar Zezé! (Terceira etapa do tema gerador “Quem estou sendo”).

Quem seria Zezé? Alguma pessoa querida por Antônio? As fichas silábicas das palavras geradoras “bicicleta”, “eu” e “pintar” não permitiriam a Antônio formar a palavra escolhida por ele. Ao pensar nesta palavra, o menino conseguiu identificar apenas as vogais que a formam. Para Antônio bastava possuir duas letras “E” para então

formar a palavra. Dessa forma, posteriormente, com o auxílio da professora Gabriela, o menino ficou convencido que não conseguiria formar “Zezé”. Logo depois, combinando as sílabas que dispunha disse ter formado “tente”. Sob orientação da professora Gabriela, Antônio percebeu que a palavra que havia formado era outra: “pente”. Isso tornou-se uma das contribuições para que ele compreendesse o processo de produção da linguagem, “apropriando-se criticamente e não memorizadamente” (FREIRE, 2014, p. 152) desse processo.

Em outro momento, Antônio também nos desperta a atenção por sua autenticidade e também por sua autonomia ao trabalhar com as fichas silábicas. Era o segundo tema gerador “Ser do Bichinho”. As crianças deveriam colar as palavras formadas em uma ficha com sua foto, mas Antônio colava sílabas aleatoriamente e até viradas para baixo, transgredindo a atividade proposta:

Professora Gabriela: O que você tá formando aí, Antônio?

Antônio: Não sei!

Professora Gabriela: Ué, então, não pode colar se você não sabe! Antônio, eu falei! Não me ouve não! Você está colando sílabas de cabeça para baixo e não está formando nada! O que você está formando aí?

Antônio: Eu estou colando!

Professora Gabriela: Não é para ir colando! É para formar palavrinha!

Antônio: Colando palavra.

Professora Gabriela: Que palavra que você tá formando? Pensa alguma coisa para você escrever, depois você cola!

(...)

Pesquisadora: Vamos tentar formar uma palavrinha, Antônio?

Antônio: Eu já estou formando: “Mané”! (Terceira etapa do tema gerador “Ser do Bichinho”).

Antônio literalmente fazia peraltagens com as sílabas ao colá-las aleatoriamente sobre o papel. Não compreendia o processo de formar palavras através das sílabas? Estava imerso e concentrado em seus pensamentos saltitantes? A professora Gabriela precisou chamar-lhe a atenção para que, responsivamente, realizasse a atividade proposta. E foi, desse modo responsivo, que surpreendeu a mim e à professora Gabriela ao dizer qual palavra ele estava formando, além de indicar as sílabas que a compunham, como nos mostra a dinâmica da fotografia e do diálogo que se seguem:

Figura 67 - Antônio colando sílabas da palavra “mané”



Fonte: arquivos da pesquisadora

Pesquisadora: Com o que a gente forma mané, você sabe?
Antônio: M e A. Esse aqui! (aponta para a sílaba que acabara de colar)
Pesquisadora: E agora qual é o outro?
Antônio: Ma - Né! Né, N e E.
Pesquisadora: Então, vamos encontrar o NE!
Antônio: Ah! (pega uma sílaba)
Pesquisadora: Então corta aí! Esse é o NE, Antônio?
Antônio: É!
Pesquisadora: é o N e o E, ou é o E e N?
Antônio: É o N e o A?
Pesquisadora: Não! É Ma-né! Né! Você não falou para mim que é o N e o E?
Mas esse aqui o N está na frente? (Antônio faz movimento negativo com a cabeça) Então, o que você pode fazer para dar certo? (Antônio faz um gesto com a tesoura) Pode cortar para dar certo!
Antônio: Onde que põe esse?
Pesquisadora: Onde que põe esse? Isso!
Antônio: Agora é o E?
Pesquisadora: Isso!
Antônio: Mané!(Terceira etapa do tema gerador “Ser do Bichinho”).

O menino nos mostrou que compreendia o processo de produção das palavras. Todavia, não juntou as sílabas que possuía para tentar descobrir uma palavra. Queria expressar palavras que saltavam de seus pensamentos. Antônio conseguiu rapidamente identificar a sílaba “MA”, mas tropeçou para compreender a formação da sílaba “NE”. Tropeço este que não fez o menino cair, mas ao contrário, o fez erguer-se pela busca da formação correta da sílaba, e, conseqüentemente, da palavra escolhida por ele. Como não encontrou a sílaba que precisava foi preciso construí-la. Então, recortou a ficha que continha “EN”, trocando de lugar as letras para compor a sílaba “NE”. Esse movimento realça que não havia um processo mecânico. Descobrir, identificar, re(construir) sílabas se faz em dinamicidade e concretude.

Por que formar a palavra “mané”? O que esta palavra carregava de sentidos para o menino?

Pesquisadora: O que é Mané, você sabe o que é Mané?
Antônio: Anham!
Pesquisadora: O que é Mané?
Antônio: É uma pessoa que é idiota!
Pesquisadora: Quem falou que é uma pessoa assim?
Antônio: Meu pai! (Terceira etapa do Tema Gerador “Ser Mineiro”)

Realmente, Antônio nos mostrou que sabia fazer “peraltagens” com as sílabas e com as palavras. Conhecia o sentido da palavra “mané” que o pai havia lhe explicado. “Idiota” foi assim que me senti. Estaríamos eu e a professora Gabriela interrompendo o fluxo do desenvolvimento da atividade de Antônio ao solicitá-lo a formar efetivamente

uma palavra? Gostaria o menino de dizer que não era nada de um mané? Antônio desejava mostrar que não era um “indiota” por conhecer o processo de formar palavras?

Antônio ainda não estava satisfeito, queria formar mais uma palavra. Gostaria de repetir a palavra “mané”, mas eu lhe disse que deveria ser outra. Então, da mesma forma, sem experimentar a combinação das fichas para encontrar uma palavra, disse que queria formar a palavra “boi”. E nesse contexto a contribuição de outros colegas engrandeceu o desenvolvimento da atividade:

Figura 68 - Antônio colando a palavra "boi"



Fonte: arquivos da pesquisadora

Pesquisadora: Como a gente vai formar boi?

Antônio: BO! B com O.

Pesquisadora: Então vamos ver se a gente acha o BO!

Antônio: (Micael entrega uma ficha para Antônio) Obrigada, Micael!

Pesquisadora: Que coleguinha bom, heim? Obrigada, Micael! Bo. E agora?

Antônio: I. B com I.

Pesquisadora: Bo-i.

Breno: É Boie.

Pesquisadora: I!

Antônio: B com I.

Pesquisadora: Não!

Micael: Só o I Antônio!

Antônio: Só o I.

Pesquisadora: Então, vamos achar só I para gente colar aqui junto! Não esse aí é um pedaço do H que você cortou errado! Tem que achar o I mesmo. (Antônio mostra uma letra) Isso. Agora cola esses pedacinhos para formar a palavra, que palavra mesmo?

Antônio: Me empresta a cola? Bo-i!

(...)

Antônio: Agora é, cadê o I? Ah, tá!

Gabi: Acabou não, Kauan?

Pesquisadora: Qual que você formou agora?

Antônio: Bo-i.

Pesquisadora: Você formou duas, não foi? Qual que você formou primeiro?

Antônio: Mané!

Pesquisadora: E a outra?

Antônio: Bo-i! (Terceira etapa do Tema Gerador “Ser Mineiro”)

Para que Antônio conseguisse formar a palavra “boi”, dois outros colegas contribuíram para isso. Micael presenteou Antônio com a sílaba “BO”, a qual o segundo já havia dito como era composta. Para concluir a formação da palavra, Antônio, pensava que precisaria da sílaba “BI”, mas isso não formaria “boi”. Quando intercedi pronunciando vagarosamente a palavra, Breno também desejou dar sua contribuição e disse que a palavra correta é “boie”. Novamente, Micael colaborou com Antônio ao afirmar que ele precisaria agora só de uma letra “I”. Essa interação foi muito importante para todo esse processo. Podemos dizer que a palavra de Antônio se tornou palavra compartilhada, pois foi construída a partir da alteridade com outros colegas. Considero esse movimento como algo extremamente emancipador, pois não representa dependência de Antônio para com os colegas, mas colaboração, que para Freire (1987) é uma das características para a ação dialógica, essência de uma prática libertadora da Educação. Antônio, Micael e Breno, juntos, construíram a palavra, foram co-autores dessa ação.

A cena recortada a seguir se refere ao momento posterior em que Antônio havia formado a palavra “boi” e começou a contar-me sua experiência:

Antônio: Eu já montei num boi.

Pesquisadora: De verdade? Como foi? Me conta?

Antônio: Aí foi lá trás, eu fiquei assim ó!(Faz um movimento com o corpo como se estivesse sobre o boi).

Pesquisadora: Você ficou com medo de cair?

Micael: Sabe em que que eu montei sozinho? Num touro brabo!

Pesquisadora: Brabo? E como foi?

Micael: Eu meti o pau nele e saí vuano!(Movimenta as mãos).

Pesquisadora: Voando? E onde foi isso?

Micael: Saí. Não sei, no sonho!

Pesquisadora: Que legal!

Pietro: Como, Micael, que ele saiu voando? Assim, ó!(Faz movimento com o corpo como se estivesse voando)(Terceira etapa do tema gerador “Ser do Bichinho”).

Dessa maneira, permeada por imaginação, percebemos que a palavra ganhou corporalidade⁵ no diálogo entre Antônio, Micael e Pietro. Como a imaginação é protótipo para a criança significar a Cultura (GOUVÊA, 2011), os meninos o fizeram com o corpo. Podemos “visualizar” a corporalidade das leituras do mundo das crianças. O corpo diz palavras com seus movimentos. É preciso sinalizar como se monta em um boi e como um touro voa. Os gestos corporificam as palavras e os sentidos que nelas

⁵ O termo corporalidade nos diz sobre a textualidade do corpo, é expressão consciente das manifestações corporais historicamente produzidas, possibilitando a interação entre os indivíduos e o mundo. Paulo Freire, comumente, utilizava tal termo para se referir às ações do corpo ligado à Cultura e ao pensamento.

imprimimos. Os corpos desses meninos falaram. Foram corpos de valor cultural (BAKHTIN, 2011). Foram corpos conscientes, pois estão no e com o mundo, recriando-o (FREIRE, 1987). Assim o corpo permite a construção da identidade dessas crianças e suas leituras da *palavramundo*, mas o “corpo se constrói socialmente” (FREIRE, 2000, p. 92), nas relações com os outros. Os acontecimentos e as fabulações de Antônio, Micael e Pietro são encarnados pela ação e relação de seus corpos que enriqueceram o diálogo, a leitura da palavra e a si próprios. Esses meninos aprenderam e ensinaram em comunhão.

Colaboração e curiosidade. Estes são os sentidos que a fotografia de Júlia e Clara, no tema gerador “Ser do Bichinho”, desperta. Colaboração no sentido de Clara constituir o ser de Júlia e esta constituir o ser daquela, em outras palavras colaboração como alteridade em que sem o outro eu não posso ser (BAKHTIN, 2012). Corroborava Freire (1987, p. 165 -166, grifos do autor): “O *eu* dialógico [...] sabe que é exatamente o *tu* que o constitui”, ou seja, o “*eu* e o *tu* passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois *tu* que se fazem dois *eu*”. E curiosidade no sentido de ser o elemento disparador para a construção do conhecimento, pois segundo Freire (1996, p. 96) “a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano”, pois “faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer”.

Figura 69 - Júlia e Clara descobrindo sílabas em colaboração



Fonte: arquivos da pesquisadora

Desse modo, as meninas se deliciavam em descobrir juntas as sílabas armazenadas sob os quadrinhos azuis. Cada quadrinho azul continha três sílabas iguais para dinamizar o processo de formação de palavras e possibilitar o maior número de combinações de sílabas. Júlia e Clara se ajudavam no reconhecimento das sílabas que retiravam desses quadrinhos. A cada quadrinho uma descoberta, um sentimento, uma

alegria e um conhecimento eram instigados. As sílabas eram retiradas dos quadrinhos, lidas espalhadas pela mesa para depois serem combinadas em palavras. Quando Júlia não conseguia reconhecer alguma sílaba, Clara a ajudava a ler a mesma. Nessa contextura, uma menina completava a outra não só pela presença, mas também pelas descobertas e leituras das sílabas.

Júlia protagoniza outro momento interativo, dessa vez junto à Maria, no também tema gerador “Ser do Bichinho”. Maria havia formado três palavras a partir da palavra geradora “Bichinho”, colando-as lado a lado, são elas: “Bobe”, “Bubu” e “bebu”. Bobe seria o nome de um cachorro e Bubu o apelido de seu irmão caçula. Posteriormente, Maria desejou formar outra palavra e procurou, entre os colegas, outra sílaba. Com a sílaba “RO” combinou-a com a sílaba “BE”. Assim conseguiu formar a palavra “robe”. É nesse instante que Júlia entrou em cena. Júlia saiu de sua carteira, aproximou-se da carteira de Maria e perguntou o que ela estava formando. Maria apontou para a palavra e fez a leitura da mesma, enquanto Júlia desempenhava uma escuta ativa e observava atentamente. A fotografia nos mostra o momento exato em que Maria pronunciava parte da palavra, especificamente a sílaba “RO”.

Figura 70 - Maria lendo a palavra "robe" para Júlia



Fonte: arquivos da pesquisadora

Esse é um momento recheado de ensinamentos e aprendizagens para ambas as meninas. A palavra “robe” foi compartilhada entre as meninas, e nesse sentido, se tornou ponte sendo o elemento de mediação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1992) para despertar sentidos em ambas. Júlia questionou Maria o que seria “robe” ao que esta respondeu não saber. A partir disso, as meninas foram juntas buscar compreender o significado de tal palavra, questionando-me. Assim, a interação entre as crianças é um aparato muito significativo para desencadear leituras da *palavramundo*

em forma de uma práxis criativa, curiosa, por isso mesmo emancipadora, que permite às crianças “artesanarem” concretamente palavras e sentidos.

A fotografia a seguir complementa, em dinamicidade, o que as crianças expressaram nas situações acima. No tema gerador “Ser Brasileiro”, as crianças me rodearam para mostrar suas fichas com as palavras que formaram. Depois que leram e explicaram suas palavras, a professora Gabriela registrou o momento em que pedi às crianças para mostrarem suas fichas.

Observamos que há crianças que escondem seus rostos e suas palavras, mas há aquelas que escondem os rostos, mas deixam aparecer suas palavras e há ainda aquelas que preferem não revelar seus rostos totalmente. Há crianças que querem suas palavras em um espaço mais alto que elas mesmas. E há crianças que preferem observar seus pares. Assim, posso sentir que a Alfabetização Emancipadora permite às crianças liberdades em suas leituras da *palavramundo* para serem diferentes, únicas, ao mesmo tempo em que são semelhantes entre si, afinal são humanas e sempre estarão sendo mais.

Figura 79 - Crianças mostrando suas palavras



Fonte: arquivos da pesquisadora

Os Círculos de “Artesanar” me trouxeram uma percepção importante: as palavras que as crianças geraram, foram construídas com base em suas próprias vivências, suas leituras de mundo. As palavras formadas faziam algum sentido para as crianças, pois elas não queriam juntar sílabas aleatoriamente para, talvez, reconhecer alguma palavra nessa junção, elas queriam formar palavras que estavam sendo trabalhadas em sala de aula ou que ouviam em casa. Era a geração da *palavramundo*.

Para (in)acabar o “artesanar”

As palavras geradoras e suas respectivas famílias silábicas estimularam o processo de Alfabetização, não de forma domesticadora e nem mecanicista. Nesse processo, quero ressaltar o trabalho da professora Gabriela, diariamente, e como este se destacou pelas etapas da Alfabetização dos Círculos de “Artesanar”. As atividades com as fichas silábicas despertaram as crianças para um trabalho mais dinâmico, criativo e contextualizado.

A (re)criação de palavras não foi um processo realizado em nível do espontaneísmo. O processo de ler e escrever palavras foi assumido pelas crianças com rigorosidade e responsabilidade, anunciando uma educação libertadora. As inúmeras possibilidades de formar palavras que as fichas silábicas permitiram “artesanaram” uma proposta de educação libertadora e conscientizadora. As palavras geradas transbordavam na inteireza constituinte dessas crianças, perpetuando suas *contrapalavras*, suas responsabilidades frente ao uso da linguagem, à curiosidade e à colaboração. O ato responsável diante da formação das palavras despertou, completou e até transformou suas leituras do mundo.

Desse modo, podemos elencar como implicações desse processo o enriquecimento da autonomia, o respeito pela autenticidade, o fortalecimento da relação interpessoal, o despertar da amorosidade e a consciência de si dentro da sociedade. Movimentos que transbordaram criatividade, instigaram a criticidade e favoreceram a leitura, de forma livre, da *palavramundo* das crianças.

As palavras ditas, criadas, formadas e escritas pelas crianças estão bordadas por e em suas vidas, aos seus modos de serem crianças, em interação com o outro, no e com o mundo. Os sentidos construídos pelas crianças me levaram a compreender que o ensinar e o aprender da língua alargam e atravessam estas dimensões. Logo, encontramos pistas para pensar numa proposta de Alfabetização Emancipadora como um sonho possível que desafia a escola a se renovar, como nos instiga Pietro, uma das crianças sujeitos da pesquisa: “você nunca pode desistir de fazer as coisas que você tenta”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. 2ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHÍNOV. *Marxismo e a Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Ana Maria Araújo Freire organizadora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 5ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GEGe – GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO. *Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Infância: entre a anterioridade e a alteridade. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 547-567, maio/ago. 2011.

TORRES, Carlos Alberto. *Diálogo e Práxis Educativa: uma leitura crítica de Paulo Freire*. Tradução de Mônica Mattar Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2014.